

## Mensagem e universo ficcional em *À nous la liberté*

Gabriel Teles Viana

Este trabalho propõe-se a construir uma análise fílmica da obra “À nous la liberté” (“À nous la liberté”, França, 1931) do diretor francês René Clair. Para tanto, inicialmente far-se-á uma discussão teórica sobre o cinema e a questão da análise fílmica e, posteriormente, permeando-se na discussão anterior, a análise do filme de René Clair.

A primeira constatação que devemos fazer é: um filme (assim como a arte em geral) não constitui um ser fechado e isolado em si mesmo. Um filme é, sobretudo, um produto social, constituído socialmente; possuidor de significado. Nesse sentido, o significado de um filme encontra-se em sua mensagem (VIANA, 2012) que transmite ideias, valores, sentimentos e outras manifestações humanas. Definimos filme como

Uma produção coletiva (da equipe de produção) que possui caráter ficcional e que repassa uma mensagem (...) através de meios tecnológicos de reprodução (o cinematógrafo), que, por sua vez, produzem imagens, diálogos, acontecimentos, possibilitando a montagem (VIANA, 2012, p. 19).

Partindo desta definição e reconhecendo o caráter social do filme, pode-se afirmar que os filmes são produtos de determinadas épocas e lugares, de determinados produtores (que expressam determinadas classes sociais, bem como interesses, valores e etc.) e pelo capital cinematográfico que controla grande parte da produção dos filmes. Ao produzir um filme, é enviada uma mensagem para quem o assiste: o assistente. Esta mensagem é recebida pelo indivíduo e este interpreta a mensagem de forma que quiser. A interpretação da mensagem pode até ser oposta ao objetivo do autor da obra.

Portanto é necessário uma problematização da questão da interpretação fílmica, remetendo, destarte, às possibilidades da interpretação correta do filme, ou seja, a mensagem que o autor do filme quis transmitir, e a interpretação adjudicada, aquela atribuída ao filme, que tem pouca ou nenhuma relação com a intenção do autor. No entanto, conceituando interpretação enquanto explicação e/ou análise, não deve-se cair em um relativismo interpretativo, atribuindo ao subjetivismo daquele que interpreta o significado real de um filme. Se há dispares interpretações para uma mesma obra, isto significa que há diferenciações entre os intérpretes e não na mensagem desta obra. Esta disparidade ocorre pela constituição da consciência daquele que interpreta, com base

em seus interesses de classe, valores, concepções, formação cultural, métodos e etc. À vista disso, o crítico literário norte-americano E. D. Hirsh Jr. (WOLF, 1982) apresenta uma refutação daquilo que chamou de “relativismo dogmático”. Segundo ele, é possível uma interpretação correta a partir do sentido original do autor da obra de arte.

Para efetivar tal interpretação, é necessário que o pesquisador-intérprete analise o gênero, o repertório linguístico do autor, o contexto histórico da produção, enfim, uma diversidade de aspectos que aliando-se à análise do universo ficcional, empreende-se uma totalidade de elementos que determinam o significado verdadeiro da mensagem da obra analisada<sup>15</sup>. Todavia, existem formas de assistência de um filme que não tem como fundamento a busca por uma interpretação correta; esta é, como anteriormente chamamos, de uma interpretação adjudicada, atribuindo assim, um outro significado a mensagem do filme.

A atribuição de significado pode ser estabelecida através de mecanismos distintos. Uma das formas de atribuir significado é através da *projeção*. O conceito psicanalítico de projeção expressa um mecanismo psíquico que consiste no indivíduo estabelecer e atribuir características próprias em outrém. Mas este processo não refere-se tão-somente aos demais indivíduos, mas também em relação à arte e ao mundo como um todo. Sendo assim, “(...) a projeção tem o papel de confirmação de uma ideia estabelecida a partir de uma generalização projetiva” (VIANA, 2012, p. 53).

Uma outra forma de atribuição de significado é determinado pela divisão social do trabalho, que sofreu grande expansão nos últimos dois séculos. Com a crescente especialização da consciência, fragmentando-a ao ponto de obliterar a totalidade criando ideologias, ou seja, falsa consciência sistematizada, o intérprete especializado tem uma visão unilateral do significado da mensagem do filme, ignorando toda uma rica gama de elementos que possibilitaria uma maior compreensão, e criando determinismos dogmáticos na análise fílmica, como por exemplo, fazer a assistência e análise de um filme através apenas de uma tendência psicanalítica criando um determinismo psicológico.

Outra forma, importante e muito utilizada de atribuição de significado já tem um sentido intencional. É feita através de parte ou cenas de um filme com o intuito de ilustrar, ensinar algum determinado tema, teorica, concepção etc. Há, portanto, um

---

<sup>15</sup> Não é finalidade deste trabalho demonstrar, minuciosamente, através do método dialético, a análise e interpretação correta de uma obra de arte. O livro “Cinema e mensagem: análise e assimilação” de Nildo Viana cumpre este papel de forma aprofundada e coerente.

caráter pedagógico, político ou propagandístico, dependendo daquele que o faça.

Uma última forma de atribuir significado é, ao nosso ver, a mais importante e a que utilizamos neste trabalho para analisar o filme “À nós a liberdade”. É feita através da assimilação do filme por parte do intérprete.

O processo de assimilação ocorre tendo como ponto de partida um indivíduo que possui um determinado processo histórico de vida, um conjunto de valores e interesses, um modo de refletir e pensar o mundo, uma mentalidade. Este indivíduo, portanto este conjunto de características que dão forma à sua consciência, geralmente se encontra com ideias, concepções, experiências, etc., opostas à dele. A tendência deste indivíduo é rejeitar o que é oposto ou integrar elementos parciais transformando-os no sentido de lhes adaptar e fornecer-lhes coerência na sua consciência (VIANA, 2000, p. 169).

Nesta perspectiva de assimilação o filme é visto de forma livre por aquele que assiste e o seu significado é produzido por ele a partir do universo ficcional do filme. Diferente da interpretação correta, que tem como pressuposto um processo de pesquisa rigoroso para além do universo ficcional, o processo de atribuição de significado via assimilação é feita com base apenas na assistência ao filme. Abarcando a totalidade dos elementos constituídos do universo ficcional de um filme, o significado adjudicado e o significado correto podem coincidir sem problemas. No entanto, caso isso não ocorra, ainda assim a assimilação é um útil instrumento de análise: todo filme executa uma reprodução da realidade e, por isso, “independe da intenção original da equipe de produção, ele tem como referencial esta realidade que é produzida” (VIANA, 2012, p. 58). Porém, deve-se estar explícito e claro que é intenção do intérprete de ir além do significado original.

Permeando-se através deste debate teórico e metodológico, faremos a seguir, uma análise fílmica do filme “À nós a liberdade”. Por motivos de espaço, não poderá ser feita uma análise externa do universo ficcional, no entanto, como já dito anteriormente, partimos de uma interpretação adjudicada, portanto, temos a intenção de assimilar, através do universo ficcional do filme, uma mensagem. Acreditamos que caso esta não seja a interpretação correta, ela seja ao menos muito próxima, posto pelos múltiplos elementos do filme, que deixa clara a concepção libertária da mensagem que o autor da obra quis transmitir.

**Análise fílmica: À Nós a liberdade**

"À Nós A Liberdade" de René Clair, aclamado filme francês de projeção internacional, inspirador do clássico "Tempos Modernos" (EUA, 1936) de Charles Chaplin<sup>16</sup> é tido como vanguarda em diversas esferas da filmografia mundial. Um dos precursores do filme falado e da inserção do estilo pessoal ao cinema da França, o diretor francês em "À Nós A liberdade", tece uma elucidativa crítica à sociedade capitalista baseada na crescente produção fordista-taylorista e a alienação do trabalho enquanto negação do indivíduo.

Lançado em 1931, o filme, conduzido num hibridismo de humor, poesia e crítica, narra a história de dois presos, Émile e Louis, que, em medida de reeducação, trabalham em linhas de montagem sob olhos rígidos dos guardas da penitenciária; ao mesmo tempo, cantam, em coro, uma música sobre a autêntica liberdade, almejada por todos os trabalhadores, presos ou não. À surdina da noite, ambos arquitetam o plano de fuga, no entanto, apenas Louis consegue fugir, deixando Émile ainda preso. Após a fuga, Louis consegue dar golpes com venda de aparelhos sonoros e posteriormente torna-se um grande capitalista dono da maior indústria fonográfica nacional. Passado alguns anos, Émile, em ironia de sua condição precária, consegue a liberdade e apaixonou-se por uma mulher que trabalha na fábrica de Louis. Sem conhecimento que seu antigo amigo de cela é o dono da fábrica, por amor, ingressa como operário e inicia toda uma trama que será o eixo central narrativo para que René Clair teça sua crítica dos ambientes, dos costumes e da estrutura social e econômica inseridos na lógica capitalista.

Sendo uma crítica clara das consequências do capitalismo na sociedade dos anos 30, gênese de um insurgente capitalismo, são notórios alguns aspectos importantes a serem descritos para elucidar ainda mais este filme francês.

Talvez uma das mensagens mais claras que René Clair transmite em "À nós a liberdade" é a condição do trabalhador frente à alienação. De acordo com Viana

O trabalho alienado é aquele no qual o trabalhador não possui controle do processo de trabalho, ele é dirigido por outro, o dono dos meios de produção, o proprietário das terras, fábricas, máquinas, etc. O trabalho é uma forma do ser humano se realizar, desenvolver suas potencialidades físicas e mentais, quando comando seu processo de trabalho e coloca uma finalidade nele, este é o trabalho que humaniza e que Marx chamou de práxis, objetivação. No entanto, o trabalho alienado é a negação desse trabalho, é um trabalho forçado, apenas um meio para satisfazer outras necessidades (o salário satisfaz outras necessidades), logo ele é mortificação e o trabalhador foge dele como

---

<sup>16</sup> Inclusive a empresa alemã Tobis, que produziu o filme de Clair, acusou Chaplin de plágio mesmo com a oposição de Clair

“o diabo foge da cruz” (VIANA, 2011, p. 1).

Ora, é explícita a analogia do trabalho alienado como prisão do homem “livre”. Já no começo do filme, a condição dos presos não difere muito da condição do operariado nas fábricas fonográficas de Louis. Este elemento simbólico muito usado por Clair, denota a vários aspectos que estão em ambos os ambientes (prisional e fabril): a alienação do trabalho (o fato de um operário não ter condições de comprar um gramofone acaba tornando-o estranho para si); a vigilância constante para execução do trabalho alienado (a presença de “guardas” ora na prisão, ora na fábrica e rapidamente na escola, demonstra o caráter coercitivo em que é mantido esse trabalho); o conhecimento ínfimo do produto final de seu trabalho (no caso do filme, a simples tarefa repetitiva de apertar parafusos).

Outro aspecto importante abordado em “À nós a liberdade” são os contrastes e disparidades entre classes sociais antagônicas. René Clair evidencia duas clássicas classes sociais fundamentais na sociedade capitalista: os detentores dos meios de produção (classe dominante, representada pelos empresários da indústria fonográfica e banqueiros) e os que vendem a força de trabalho para aqueles donos dos meios de produção (classe proletária, representada pelos operários das fábricas). Esta última, explorada pela primeira, é oprimida e sua única fonte de prazer são as execuções das necessidades fisiológicas básicas, depravando e anulando assim, a humanidade que existe na classe proletária.

No filme, os contrastes das classes ficam evidentes quando trabalhadores de baixo escalão entram na ala administrativa da fábrica fonográfica à procura do foragido Émile e, tempos depois, são enxotados para fora pois não “pertenciam” àquele lugar. Além disso, o filme narra a ruptura e a mudança de classe na história de Louis, antigo preso e depois grande capitalista da indústria fonográfica. Outras classes sociais também aparecem no filme, como a burocracia, manifestada de forma antipática e gananciosa (exemplo deste, é o Tio da mulher que Émile se apaixona que tenta de todas as formas, convencer a sobrinha a casar com Émile, por conta do dote que Louis dispôs a pagar).

René Clair, ao descrever minuciosamente o sentido capitalista da sociedade vigente dos anos 30, não deixa de descrever, por consequência, a classe capitalista e sua relação com o dinheiro. Ora, é notória a pulsão por dinheiro em uma sociedade a qual, o lucro, além de seu potencial fomentador de riquezas materiais, gera distinção entre os demais desta mesma sociedade.

Para Marx,

As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes, ou seja, a classe que é o poder material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios para a produção material dispõe assim, ao mesmo tempo, dos meios para a produção espiritual, pelo que lhe estão assim, ao mesmo tempo, submetidas em média as ideias daqueles a quem faltam os meios para a produção espiritual. As ideias dominantes não são mais do que a expressão ideal [ideell] das relações materiais dominantes, as relações materiais dominantes concebidas como ideias; portanto, das relações que precisamente tornam dominante uma classe, portanto as ideias do seu domínio. Os indivíduos que constituem a classe dominante também têm, entre outras coisas, consciência, e daí que pensem; na medida, portanto, em que dominam como classe e determinam todo o conteúdo de uma época histórica, é evidente que o fazem em toda a sua extensão, e portanto, entre outras coisas, dominam também como pensadores, como produtores de ideias, regulam a produção e a distribuição de ideias do seu tempo; que, portanto, as suas ideias são as ideias dominantes da época. (MARX, 1974).

Em consonância com Marx, René Clair vai reproduzir toda a etiqueta burguesa e seus costumes amesquinçados. Há no filme toda uma metodologia de como comportar-se em certos locais e evitar constrangimento alheio. Stallybrass em seu ensaio “O casaco de Marx – roupas, memórias e dor” (STALLYBRASS, 2000) traz uma reflexão sobre a relação entre as coisas como objetos de uso, como objetos aos quais imprimimos nossas marcas, como objetos que carregam nossa memória e as coisas como mercadorias. Podemos inserir as ideias de Stallybrass na interpretação do filme usando as roupas como formas de distinção entre classes sociais. Enquanto todos os altos funcionários da fábrica usam vestimentas diferenciadas, os operários usam uniformes de péssima qualidade e com uma numeração, remetendo novamente, ao ambiente prisional inserido pelo diretor no início do filme (o ser humano reduzido apenas como uma numeração de identidade).

Quando Louis paga o dote para o Tio da mulher a qual Émile apaixonou-se na fábrica, podemos perceber que a ganância pelo dinheiro, sobrepõem-se a liberdade de escolha da sobrinha, tida, neste caso, como mera mercadoria. Uma ação predominantemente burguesa, de casamentos arranjados, feita por um funcionário de escritório burocrata da França dos anos 30.

Outro aspecto de extrema importância a ser observado, é a irônica mudança de classe de Louis de ex-presos para dono da maior empresa fonográfica nacional. Irônica

pois, antes de ocorrer sua fuga da cadeia, nos trabalhos feitos na cadeia, todos cantavam os seguintes versos de uma canção:

*"A liberdade é tudo na vida/  
Mas os humanos criaram as prisões,  
os regulamentos, as leis, as boas maneiras/  
E o trabalho, os escritórios, as casas/  
Será que tenho razão? Meu amigo, a vida é bela/  
quando se tem a liberdade/  
Não vamos esperar, vamos atrás dela/  
O ar puro faz bem a saúde!"<sup>17</sup>*

Louis, já com suas fábricas consolidadas, absorve todos os costumes da classe dominante e não se vê mais como um preso de “maus” costumes. No entanto, ao passo que Émile aparece em sua vida novamente, há uma desconstrução desses costumes burgueses e no fim, quando tudo aparece acabado com o desmascaramento da verdadeira identidade de Louis, ambos fogem e aplicam a vida que tanto almejavam nos versos da canção que cantavam na prisão: a emancipação plena da liberdade humana. Outra cena interessante e expressiva da mensagem do filme, é, antes da fuga, no momento da inauguração da nova fábrica fonográfica efetivamente autônoma, Louis faz a doação da mesma para todos os trabalhadores. Feito isso, os trabalhadores, com as máquinas trabalhando para eles e sem o trabalho alienado, começam a fazer atividades que lhes convém, como pescar, ler e etc. Sendo assim, livre para expressar suas potencialidades humanas.

A discussão teórica sobre a questão do filme e da mensagem fílmica é fundamental para compreender o sentido do capital cinematográfico em geral. Além disso, grande parte do que foi produzido teoricamente sobre o assunto fundamenta-se em bases metodológicas limitadas ou problemáticas ou em meros descritivismos da história do cinema. Portanto, impera-se a necessidade de resgatar o materialismo histórico e o método dialético para a análise do cinema e das produções culturais em geral.

Nesse sentido, executando a análise fílmica de “À nós a liberdade” (França, 1931) através de uma atribuição de significado usando a assimilação, percebemos a clara mensagem libertária que o diretor René Clair transmite no universo ficcional do filme.

## Referências Bibliográficas

---

<sup>17</sup> Esta canção é anunciada em dois momentos: o primeiro, no início do filme, onde os protagonistas do filme estão presos, ansiosos por liberdade; e no término, após Louis doar suas fábricas e viver em liberdade com seu amigo.

MARX, Karl; Friedrich, ENGELS. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

STALLYBRAS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VIANA, Nildo. *A filosofia e sua Sombra*. Goiânia: Edições Germinal, 2000.

\_\_\_\_\_. *Cinema e mensagem: análise e assimilação*. Porto Alegre: Asterisco, 2012

\_\_\_\_\_. *O que é alienação*. Disponível em <http://informecritica.blogspot.com.br/2011/01/o-que-e-alienacao.html>) acesso em 24 de agosto de 2013.

WOLF, J. *A Produção Social da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982

### Filmografia

A nós a liberdade, René Clair (França 1931)

Tempos Modernos, Charles Chaplin (EUA, 1936)

### Gabriel Teles Viana

Gabriel Teles Viana é graduando em Ciências Sociais com habilitações em Política Públicas pela Universidade Federal de Goiás (UFG), pesquisador pelo Grupo de Pesquisa Dialética e Sociedade (GPDS) e bolsita em projetos de Extensão Universitária.

E-mail: [teles.gabriel@gmail.com](mailto:teles.gabriel@gmail.com)